PÔSTER - CORPO, CULTURA E EDUCAÇÃO FÍSICA

CORPOS QUE SUSTENTAM A CIDADE, MAS NÃO OCUPAM SUAS PRAÇAS: INVISIBILIDADE FEMININA, CULTURA E EDUCAÇÃO FÍSICA

Valeria Augusta Da Silva Proença (valeriaproencacurtis@gmail.com)

Bruna Gabriele Marques (prof.brunamarques@usjt.br)

A ocupação dos espaços de cultura e lazer, públicos ou privados, é precedida pela limpeza e organização majoritariamente realizadas por mulheres. Elas acordam muito cedo, deixam suas casas e filhos, atravessam a cidade em coletivos lotados e executam um trabalho subqualificado, mal remunerado e invisível. Para compreender esse processo simbólico de invisibilidade, é necessário reconhecer os contextos e precedentes históricos atribuídos às mulheres. A questão que orienta este estudo é: por que as mulheres que garantem o funcionamento dos equipamentos esportivos não têm assegurado o direito de ocupar esses mesmos espaços? A pesquisa situa-se no contexto urbano de cidades brasileiras de médio e grande porte, tendo como sujeitos as trabalhadoras responsáveis pela limpeza e organização de equipamentos esportivos como academias, parques, praças, clubes e demais espaços de lazer e cultura. Este estudo, de caráter interdisciplinar e qualitativo, adotou como procedimento metodológico a revisão bibliográfica de artigos científicos e da literatura especializada. A análise dos referenciais teóricos demonstra que

essas mulheres são frequentemente expostas a alto estresse e a doenças de ordem física e psicológica. Inúmeros fatores contribuem para esse quadro: a sensação de desamparo ao deixar filhos pequenos em creches por todo o dia, a grande carga de trabalho, o longo tempo em deslocamento, o cansaço extremo, agravados pela má alimentação e pela ausência completa de prática esportiva. Ao problematizar o sistema patriarcal associado ao capitalismo neoliberal, que subjuga e inviabiliza os corpos femininos que sustentam a cidade, discute-se a subjetividade dessas existências e as desigualdades que circundam a realidade de mulheres essenciais ao funcionamento da sociedade e das práticas esportivas, mas sistematicamente ignoradas em suas vulnerabilidades e direitos. Conclui-se que o reconhecimento das múltiplas realidades e desigualdades vividas por essas mulheres, associado à garantia efetiva de ocupação dos espaços esportivos, constitui um passo fundamental para visibilizar seus corpos e descolonizar as práticas esportivas. A atividade física, nesse contexto, pode contribuir para diminuir os agravos de uma realidade vulnerável, favorecer o cuidado e a autoestima e garantir, a longo prazo, um melhor envelhecimento.

Palavras-chave: corpos invisíveis; mulheres trabalhadoras; capitalismo neoliberal; gênero; práticas esportivas.